

OPINIÃO

EM CAMINHOS
INCERTOS

Josaphat Marinho

A dignidade reaproxima os homens no tempo histórico. Inesperadamente, ei-los de novo um de frente do outro, ou os dois em passos paralelos. A identidade de caráter torna a reuni-los, apesar da distância material. É o que parece ocorrer, neste momento, com o embaixador Souza Dantas e Otávio Mangabeira.

Essa sensação brota da leitura do circunstanciado resumo feito por Murilo Fiúza de Melo da tese preparada por Fábio Koifman sobre a figura daquele representante diplomático. Refere que o embaixador permaneceu em Paris de 1922 a 1944, e chegou até a ser investigado pelo Itamarati, por suas atitudes liberais, especialmente durante a Segunda Grande Guerra. A gota d'água da crise — esclarece — aconteceu em 25 de setembro de 1941, com o desembarque no Rio do navio espanhol Cabo de Buena Esperanza, abarrotado de passageiros europeus, entre os quais 37 refugiados com vistos caducos, renovados sem justificativa legal pelos cônsules de Cadiz (Espanha) e Casablanca (Marrocos). E no propósito de salvar vidas humanas visou "centenas de passaportes diplomáticos e simples carteiras de identidade a apátridas judeus".

Terminada a leitura dessa página, que eleva o diplomata independente e de espírito reto, buscamos situar referência a procedimento idêntico ou assemelhado dele com relação a brasileiros. A menção estava no livro de Edyla Mangabeira Unger, *Três Exílios e uma Guerra*, e a respeito de seu pai, Otávio Mangabeira. Conta a escritora sobre os exílios de Otávio Mangabeira na França, o primeiro a partir de 1931 até 1934 e o segundo a contar de 1938 e se encerrando com a viagem em direção aos Estados Unidos, dada a vitória nazista na Segunda Grande Guerra. Elucida: "Comíamos em modestos bistrôs mas almoçávamos, todos os sábados, com o embaixador Souza Dantas, cuja casa, nos Invalides, era o ponto de encontro de políticos, intelectuais e figuras preeminentes na sociedade parisiense daquela época. Querido e respeitado por todos, sua lealdade a meu pai não conheceu limites. Anos mais tarde, durante a ocupação da França, obteve-lhe o visto de entrada nos Estados Unidos, indo de encontro às instruções de Vargas a quem enviou, ao mesmo tempo, seu pedido de demissão da carreira, que não foi aceito".

A afirmação desse julgamento insuspeito e espontâneo é justa medida do padrão funcional e ético do grande embaixador. Num setor em que muitos revelam fraqueza, o embaixador Souza Dantas procedeu com excepcional dignidade, tanto maior por ser notória a hostilidade de Getúlio Vargas a Otávio Mangabeira. Tanto que,



além de tentar impedir seu embarque para os Estados Unidos, ali buscou proibir que continuasse colaborando com a revista *Seleções*, a ponto de ameaçar sua circulação no Brasil. Decente, o empresário americano encontrou fórmula conciliatória, e o arbítrio não foi atendido.

De singular coincidência é que a postura sóbria do embaixador brasileiro correspondia à altivez de Otávio Mangabeira. Nas prisões e nos exílios, a que foi longamente submetido, não transigiu com a prepotência para ser beneficiado. Preso, só reconquistou a liberdade em razão de seus protestos. Expatriado, só retornou ao

país com o restabelecimento do regime democrático, em 1934, ou garantido por habeas corpus, em 1945. Em nenhum momento transigiu com o poder absoluto, mesmo quando "honrarias" lhe foram "insinuadas", como retrucou ao deputado Demétrio Xavier, em debate na Câmara dos Deputados, em 1936.

Coincide o justo elogio ao embaixador Souza Dantas com a data da morte de Otávio Mangabeira, em 29 de novembro de 1960, há 39 anos, portanto. A lição das duas grandes vidas é assim oportunamente lembrada, como exemplo para diplomatas e políticos de nosso tempo. Ambos, sem perder a

compostura, não compactuaram com a violência e a maldade do poder. O diplomata, não confundindo o dever de lealdade ao governo com submissão ao arbítrio e à perseguição, cumpriu corretamente sua missão funcional. E, digno, pediu demissão, quando lhe pareceu próprio fazê-lo. O político, enaltecendo a liberdade de pensar e agir, não sucumbiu à força, nem às suas tentações e dificuldades criadas. Prestigiou a ordem legal, invocando-a em seu favor. Um e outro, em caminhos incertos, foram dignos da cidadania brasileira

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia